



Dossiê Psicanálise em tempos sombrios: a clínica como objeto de resistência ao sofrimento e à dor

Apresentação

 Rosemarie Elisabeth Schimidt Almeida

O atual dossiê, intitulado “Psicanálise em tempos sombrios: a clínica como objeto de resistência ao sofrimento e à dor”, generosamente acolhido pela Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise *Natureza Humana*, percorre questões epistemológicas fundamentais acerca do sujeito, tradicionalmente concebido pela ciência moderna e pela filosofia cartesiana. Após o advento da modernidade, o sujeito do *Cogito ergo sum* foi deslocado pela fenda aberta pela Psicanálise, que, em uma torção freudiana, instituiu o sujeito do inconsciente, marcado pelo desejo. Essa antinomia se expressa na máxima de que a psicanálise *é intransmissível fora da análise pessoal*, embora não seja “não transmissível”.

A despeito disso, afirmamos que o método clínico é o cerne da produção do conhecimento psicanalítico, que o instrumento da Psicanálise não é seu vocabulário, mas o inconsciente em ato que revela a condição desejante inerente ao humano. Pressupomos que a formação do analista se dá pela análise pessoal, articulada à teoria e à transmissão transferencial – não por graduações falaciosas em Psicanálise, hoje proliferadas sob aval conivente do MEC. Diante disso, neste dossiê, explorou-se como a clínica psicanalítica, enquanto epítome da pulsão de vida, do *Eros* vinculante e do amor, cria novas trincheiras de resistência ao sofrimento em tempos de desamparo, angústia e “mal-estar”, ampliados exponencialmente em uma era marcada por mudanças culturais aceleradas, violências simbólicas e a consequente erosão das humanidades.

Assim, movidos por tais interesses comuns, no final de 2024, convidamos uma série de importantes psicanalistas e renomados(as) professores(as) doutores(as), mestres(as) e pesquisadores(as) para refletir sobre o valor e a posteridade da Psicanálise, especialmente em um contexto de resistência renovada no século XXI – seja nas universidades, seja na crítica consciente às instâncias reguladoras como CNPq e Capes, que relutam em reconhecê-la como área formal de

pesquisa. Portanto, a psicanálise é aqui convocada a repensar seu lugar e sua prática diante da subjetividade pós-moderna: novos sintomas exigem novas abordagens, destarte, a clínica psicanalítica precisa se debruçar sobre os novos arranjos subjetivos marcados por uma prevalência da pulsão de morte, o que contrasta com as neuroses clássicas. É preciso, novamente, lidar com a fragilidade do sujeito, com construções subjetivas contemporâneas que, muitas vezes, apresentam recursos de representação mais pobres e incapacitantes, tornando o sujeito mais vulnerável e fragmentado, isto é, integralmente desamparado.

Posto isso, retomando nosso fio condutor, ressaltamos que a questão enfatizada na construção desse dossiê resultou na magnitude ímpar das respostas que surgiram por parte de nossos(as) convidados(as), os(as) quais nos honraram aqui com suas instigantes produções ao optarem por escrever artigos que versaram e percorreram os múltiplos vértices das ideias e desfechos da psicanálise. As proposições teóricas aqui reunidas se avolumaram em importância cada vez mais catalizadora, como o leitor poderá constatar ao se debruçar sobre os escritos que se seguem, os quais compõem um total de 14 artigos e uma tradução, que se dedicaram a refletir acerca da intrincada questão de *re-pensar* o estatuto desta ciência e injetar novos influxos que contribuam, com a força necessária, para a manutenção de um lugar de destaque para a Psicanálise contemporânea, a qual foi, desde o princípio, fundada por Freud como um processo contínuo de resistência e que persevera e perpassa, até hoje, os desafios da manutenção de sua existência e consequente reconstrução contínua de seus horizontes.

Com base nestes pressupostos, temos como resultado o presente dossiê, o qual busca explorar as interseções e diálogos entre a teoria psicanalítica e a prática clínica, incentivando abordagens críticas, teóricas e práticas que contribuam para a ampla discussão e devida compreensão destes domínios. Assim, os artigos aqui reunidos atualizam formulações psicanalíticas articulando-as aos desafios contemporâneos, reafirmando a psicanálise como prática viva de resistência, capaz de interrogar o sofrimento humano em sua singularidade – mesmo em “tempos sombrios”. Para jogar luz nestas sombras, temos como parâmetro canônico a ética humanista, que atravessa qualquer busca da verdade, tão fomentada desde Platão, que no seu “Mito da Caverna” expõe que a condição humana é já, desde sua origem, uma condição desejante.

As discussões oferecidas pelos(as) autores(as) dos textos aqui agrupados demonstram que, longe de ser uma disciplina anacrônica, a psicanálise segue indispensável para decifrar as crises do presente e nos preparar para o enfrentamento do porvir. Neste processo contínuo de devir, a formação do analista deverá constituir-se pela análise pessoal, pela travessia da teoria e da

transmissão/transferência do trabalho clínico, no qual operam dispositivos *sui generis* de resistência. Como sabemos, é preciso prosseguir, navegar é preciso e viver é *re-significar* o pacto civilizatório, expurgar o mal-estar prevalente, atuar reflexivamente sobre as mudanças culturais advinda das últimas décadas e, principalmente, operar mecanismos que combatam o registro do desamparo na clínica psicanalítica, opondo a negatividade da angústia, da dor e do sofrimento à positividade da pulsão de vida, promovendo o fortalecimento da constituição psíquica, na continuação de um projeto que se mantém original desde Freud e do advento da Psicanálise, na busca incessante por uma via clínica que atue como expressão de amparo contra o próprio desamparo do viver.

Como sabemos, a obra *O mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud, foi escrita em 1929 e publicada em 1930, num período de grande turbulência e crise, situado entre as duas guerras mundiais e a crescente ascensão do totalitarismo. Nesta obra, Freud desenvolve a tese de que a civilização, para manter a ordem e a segurança, foi fundada na renúncia e no impeditivo da causa pulsional, pois exige a repressão dos instintos primários dos indivíduos, como os de agressão e os impulsos sexuais. Assim, a busca humana pela felicidade e pelo prazer entraria em conflito com as exigências da cultura, gerando o antagonismo entre indivíduo e sociedade. A civilização promete proteção e estabilidade em troca da renúncia às pulsões, mas isto acarreta em repressão e culpa, pois a repressão dos impulsos leva à formação de um superego mais severo, que produz um sentimento de culpa e ansiedade, e tal culpa é o preço psicológico que se paga pela segurança coletiva.

Na referida obra, Freud também introduz a ideia da pulsão de morte, uma tendência destrutiva inata que a civilização tenta conter, e que se manifesta como agressividade e violência, as quais podem ser dirigidas contra si mesmo (culpa) ou contra os outros (guerras, misoginia, ódio ao estrangeiro etc.). Dessa maneira, a noção freudiana de mal-estar ainda ressoa como um diagnóstico das dificuldades da pós-modernidade, influenciando vários domínios do conhecimento, tornando-se um estudo canônico, ao ser aplicado como ferramenta para compreensão dos intitulados “tempos sombrios” arendtianos.

Desde sua publicação até o advento das crises mais atuais, tal obra vem sendo utilizada para analisar fenômenos contemporâneos, como a insatisfação social, o fascínio por líderes autoritários e a violência nas sociedades modernas, as guerras e outras formas de horror, tornando-se um texto seminal para diversos pensadores da contemporaneidade. Como exemplo, temos a obra *Dialética do Esclarecimento*, escrita por Adorno e Horkheimer, os quais apontam que o recurso ao mal-estar nos permite descobrir, sob a própria razão, um fundo obscuro e inassimilável de violência e irracionalidade. Tais filósofos frankfurtianos argumentam que o próprio projeto do Iluminista, que

buscava a liberdade através da razão, tornou-se uma nova forma de mito e dominação, pois a racionalidade moderna, voltada para o controle total da natureza e da sociedade, acabou por instrumentalizar o ser humano, transformando a razão em uma ferramenta de opressão e anulação da individualidade.

Este retorno inconsciente dos mitos pode ser verificado desde o ponto de vista da história clássica, como Freud assinalou a partir de *Totem e Tabu*, com o mito central de Édipo e os pactos civilizatórios construídos sob a égide do assassinato primordial do pai da horda e do tabu do incesto. Nesse sentido, ao pensarmos a questão da ancestralidade sob a ótica freudiana, novamente nos deparamos com um profundo sentimento de ruptura com os elos pré-civilizatórios, não apenas como uma medida de preservação de registros e dimensões que podem ser representantes das memórias de um povo, mas sim a partir da reconstituição de uma univocidade humanística, da reinserção das gerações como legado, visto que a ancestralidade nos eleva à dignidade de ser e existir, a partir de um elo que nos conecta ao passado, presente e futuro. Desse modo, tornando-se herança cultural que recebemos dos nossos antepassados, moldando quem somos e como vivemos e evidenciando como podemos aprender importantes lições acerca do sincretismo de nossas raízes ameríndias, africanas e europeias, pois a ancestralidade é o fio que tece a história, revive a memória, faz brotar a ressurreição do mundo social, trazendo de volta a essência da vida, influenciando a compreensão da psique humana e a prática da psicanálise, na tentativa de contrabalançar o horror mundano com a poesia e a ética do viver.

Em psicanálise (mas também na literatura, na filosofia e nas artes), tais mitologemas ancestrais são presenciados no cotidiano da clínica, pois percorrem a profundidade e a universalidade da proibição da lei do Incesto, como constituinte da sobrevivência da própria humanidade e do seu laço social civilizatório. Neste ponto específico, a clínica psicanalítica poderia e deveria atuar como um movimento ampliado de resistência, de inquietude frente ao porvir, como objeto de antagonismo ao sofrimento e à dor, atuando no registro do desamparo, da angústia diante do mal-estar prevalente dos sujeitos objetificados das civilizações atuais, assim evitando o desfecho de uma tragédia anunciada, originada por uma epopeia ficcional dos povos, que ferem os princípios das humanidades, num efeito mortífero, dizimatório perante os tempos em que vivemos – *tempos sombrios*, que, como indicamos anteriormente, são tempos de profunda crise.

A psicanálise em “tempos sombrios” da pós-modernidade enfrenta o desafio de se adaptar a um contexto social marcado pelo individualismo, pela fragilidade dos laços sociais e por novas formas de sofrimento psíquico. Ao contrário da época de Freud, em que as neuroses e o recalque eram

predominantes, a clínica contemporânea lida com uma multiplicidade simultânea de sintomas, diferentes formas de depressão, de transtornos de ansiedade, pânico, toxicomanias, anorexia etc., que demandam novas abordagens teóricas. Dessa maneira, a pós-modernidade é caracterizada por uma série de transformações culturais e sociais que influenciam diretamente a psique humana como a perda de fé em ideologias e instituições sólidas que davam sentido à vida na modernidade, gerando um sentimento generalizado de vazio e uma consequente desorientação no sujeito. A crítica de Freud é também fecundamente explorada para entender o sofrimento dentro do circuito capitalista que, ao prometer felicidade pelo consumo, pode exacerbar o sentimento de insatisfação e a repressão dos desejos. A junção dos termos sugere que o mal-estar, que para Freud é uma característica inerente à civilização, se intensifica e se torna mais visível em períodos de crise e desordem, não mais mediados pelos laços de Eros, mas agora sob o império de Thanatos. Vemos neste “declínio das grandes narrativas”, que tem como consequência uma sociedade de consumo e narcisismo, o resultado de um capitalismo do desejo irrefreável estimulado unilateralmente pelo consumo e busca pela gratificação imediata, reforçando o egocentrismo, a volatilidade e a fragilidade dos laços sociais.

Alguns teóricos contemporâneos, já há algum tempo, revisitam a obra de Freud para analisar como as mídias digitais e as novas tecnologias, apesar de oferecerem conexões globais, podem também impactar de maneira severa a saúde mental de seus “usuários”, tornando-se uma fonte de mal-estar generalizado que permite a indivíduos de diferentes culturas, contextos e idades o acesso ilimitado a novas formas de dependência e ansiedade, que comportam consequências funestas. Os novos desafios para a psicanálise são agora de ordem e magnitude exponencial, pois vemos surgir paulatinamente um novo (e assustador) cenário multifacetado de perdas, lutos não elaborados, movimentos sociais de exclusão ou de inclusão enganosa, pedofilia, feminicídio, falso *self*, suicídio, epidemias, fome, desnutrição, práticas de mutilação e escarificação, crimes de guerra, genocídio, em suma, “o horror, o horror” do novo *Apocalypse now*. Nesta psicopatologia da pós-modernidade, a priorização de explicações biológicas para o sofrimento psíquico relega a psicanálise a um plano secundário, em detrimento de intervenções pontuais e do uso desenfreado de psicofármacos.

Cabe então indagar: o que é possível fazermos neste cenário lúgubre? Poderá a psicanálise e suas práticas serem relevantes para a compreensão do mal-estar contemporâneo?

Os artigos escritos neste dossiê são diferentes caminhos para uma resposta, pois enfatizam a relevância da Psicanálise de forma vívida e enriquecedora, com parâmetros epistemológicos singulares e com narrativas inovadoras que retratam manifestações da pulsão de vida frente à evanescência da morte. Em última instância, é exatamente dessas questões que trata a Psicanálise.

Como fazer o sujeito-analisante conseguir levar a vida adiante? Como podemos, nós mesmos, viver e seguir adiante, criando, a cada passo, um novo caminho e horizonte em meio a tanta turbulência e negatividade? Assim como Freud afirmou – “Estamos levando a peste para a América” –, somos *contaminados* pela Psicanálise, atravessados por ela. E, aqui, presto o meu tributo a todos e todas que fizeram parte dessa travessia, com suas temáticas e contribuições brilhantes e intangíveis. Vou eximir-me de comentar o conteúdo de cada um dos artigos que se seguem, o leitor o descobrirá por si só, adiantarei apenas que eles exalam potência, magnitude e experiência, pois são fontes de *transmissão* da riqueza de cada vida autoral compartilhada neste dossiê. Vou exprimir minha esperança no devir e mergulhar na gratidão de poder ter contado com cada autor(a), cada palavra, cada escrito aqui dedicado que, em seu conjunto, revela uma nova luz capaz de dissipar parte significativa da sombria névoa de nossos tempos.

Por fim, deixo meus mais sinceros agradecimentos, à Revista *Natureza Humana*, pela oportunidade de colaboração e por sua tradição e relevância sem imposturas. Aos renomados autores e suas contribuições *sui generis*. Ao editor chefe, por sua proficiência, raízes e experiência. A toda equipe editorial, pelo apoio e suporte incontestáveis e a equipe técnica e revisores pela análise das referências e escrita, nos parâmetros da língua raiz.